

FIORI, José Luís

Uma Teoria do Poder Global

Resenhado por Helio Caetano Farias¹

José Luís Fiori é um dos mais destacados intelectuais brasileiros, cuja contribuição acadêmica transcende barreiras disciplinares e estabelece diálogos com a economia, história, filosofia, geopolítica e ciência política. Seu mais novo livro *Uma teoria do poder global*, lançado pela editora Vozes, em 2024, reúne um conjunto de textos representativos de quatro décadas de pesquisa, evidenciando a evolução e a consistência de seu trabalho.

Na primeira parte livro, intitulada “Tempo e Método”, Fiori reconstitui os caminhos percorridos que consolidaram uma de suas principais marcas acadêmicas: a análise política do tempo conjuntural. Diferentemente da ciência econômica, em que o estudo da conjuntura apresentava *status* de rigor científico com as teorias dos ciclos, nas ciências sociais e políticas, o termo ainda evocava percepções próximas ao senso comum. Com o intuito de preencher essa lacuna, Fiori realiza um rico debate com autores clássicos. Um de seus pontos de partida metodológico é o exame do *18 Brumário de Luís Bonaparte*, obra em que Karl Marx faz uma leitura histórico-estrutural da conjuntura, em substituição ao levantamento e à descrição factual e jornalística dos acontecimentos que levaram o golpe de Estado na França, em 1851. Além do próprio Marx, Fiori revisita as contribuições de Engels, Weber, Lenin, Gramsci, Poulantzas em busca de uma conceituação mais precisa de conjuntura, capaz de capturar a temporalidade que singulariza os eventos e, simultaneamente, transpor os limites das visões dicotômicas da política e da economia, geralmente ancoradas nas noções de interesses de classe.

Nesse esforço, Fiori propõe um método singular que combina aportes de diferentes tradições intelectuais. Inspirado em Clausewitz, incorpora a questão do “tempo estratégico” e a ideia de “guerra como situação-limite” (p. 52) nas disputas de poder entre grupos sociais. Ele também explora o

¹ Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: heliofarias@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7717-9323>

arcabouço teórico dos economistas, que partindo do “mercado como tipo ideal fictício” (p. 57) elaboram suas análises dos ciclos econômicos. De Fernand Braudel, Fiori traz as formulações sobre a “história como uma simultaneidade de ‘tempos’” (p. 63). E, por fim, das análises de inspiração marxista, resgata a questão da “política como interesse e vontade de classe” (p. 67). Ao conjugar esses elementos, Fiori propõe uma abordagem que articula a conjuntura e as estruturas de longo prazo, fornecendo as bases para compreender as dinâmicas, contradições e tendências que caracterizam as relações sociais.

A segunda parte do livro, “Estado e Desenvolvimento”, reúne textos e entrevistas que abordam, sob perspectiva comparada, o esgotamento da experiência do Estado desenvolvimentista brasileiro. Por meio de uma análise crítica, Fiori desvela a natureza estrutural da crise do capitalismo e dos Estados na periferia do sistema internacional. Com perspicácia, Fiori não se limitou a identificar as causas das crises nos fatores internos. Os textos “2.3 Notas para um novo programa de pesquisa”, “2.4 De volta à questão da riqueza das nações” e “2.5 Estados, moedas e desenvolvimento” refletem uma agenda que retoma os clássicos da economia política para reelaborar conceitualmente as relações entre Estado, economia e desenvolvimento na periferia. Fiori desloca o foco de análise da crise política e econômica dos anos setenta para examinar as origens e a dinâmica, expansiva e desigual, do próprio o sistema internacional.

A terceira parte, “Hegemonia e Império”, apresenta quatro textos que traçam um diagnóstico das transformações geopolíticas e econômicas do sistema internacional. Nesse contexto, os debates sobre desenvolvimento econômico da periferia cedem espaço para uma investigação sistemática sobre a potência hegemônica. Em contraposição aos conceitos vagos e às expectativas políticas triunfantes que emergiram com o chamado “fim da história”, Fiori interpreta a globalização dos anos noventa como uma manifestação econômica, de corte liberal, de uma estratégia geopolítica de reafirmação da hegemonia americana, sustentada pela força militar e pela centralidade do dólar. Fiori evidencia a indissociabilidade entre a “globalização dos mercados” e o poder americano, deixando patente como o novo “sistema imperial” disciplinava os mercados e criava os consensos “forçados”, dos quais a América Latina bem conheceu o “Consenso de Washington”.

Nessa seção, Fiori apresenta os resultados das reflexões e pesquisas no campo da economia política internacional. Sua abordagem dialoga com tradições acadêmicas consolidadas no Norte, especialmente nos Estados Unidos e Inglaterra, mas está enraizada na tradição histórico-estruturalista do pensamento crítico latino-americano. Desde o seminal artigo, “A retomada da hegemonia americana” (1985), de Maria da Conceição Tavares, em que se

contestava a tese dominante de uma crise terminal da hegemonia dos Estados Unidos, Fiori e outros colaboradores, deram início a uma pesquisa de campo internacional, mapeando teórica e analiticamente como os Estados se ajustaram às mudanças na política econômica dos EUA, depois do fim do Sistema de Bretton Woods e da abertura e desregulação dos mercados financeiros nacionais, liderada e patrocinada pela própria potência hegemônica. Dessa ampla investigação acadêmica, surgiu o grupo de pesquisa que deu origem ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, sediado no Instituto de Economia da UFRJ.

Na quarta parte, “Poder Global e riqueza”, os cinco textos condensam as reflexões de Fiori acerca de uma teoria original sobre a dinâmica do sistema internacional, que ele denomina coerentemente de sistema interestatal capitalista. Fiori desenvolve de forma clara um novo programa de pesquisa, centrado no poder global e na geopolítica do capitalismo. No texto “4.1 Formação, expansão e limites do poder global”, delineia os principais elementos de sua tese. A reconstituição analítica da história do sistema internacional constitui um dos fundamentos para compreender como aparecem e funcionam os Estados que assumem posições de hegemonia, sem que, por isso, deixem de competir com os demais para expandir seu poder e riqueza. De acordo com o autor, a formação e expansão do sistema capitalista não foi uma obra do “capital em geral”, mas uma conquista do “mundo do poder”, da constituição dos Estados territoriais e que são, ao mesmo tempo, “Estados-economias nacionais”. Em sua interpretação, o poder tem uma precedência lógica, e histórica, em relação ao capital.

Retomando os debates sobre as potências globais e as transições hegemônicas, Fiori demonstra como diferentes teorias de economia política internacional convergiram com a ideia de que a presença de um Estado com poder global seria indispensável para assegurar a ordem e a paz no sistema mundial, bem como para garantir as condições técnicas e políticas de funcionamento da economia internacional. A tese de Fiori, no entanto, transcende essas formulações e demonstra que o problema teórico central estava em um paradoxo: as principais crises do sistema internacional foram provocadas pela própria potência hegemônica, exatamente aquela que deveria atuar como o grande poder pacificador e estabilizador. Esse paradoxo, ignorado ou subestimado por outras teorias, constitui o cerne das investigações e das contribuições originais de Fiori, posicionando sua teoria do poder global como uma referência na análise das dinâmicas do sistema internacional.

A quinta e última parte, “Guerra e Paz”, congrega três textos que aprofundam as reflexões sobre o poder global, centralizando o tema da guerra e da ordem mundial. Salienta, com a Guerra do Golfo, a primeira após a

Guerra Fria, a dimensão da ética na guerra e na paz, especialmente a relação específica entre a guerra, potência hegemônica e o estabelecimento da “ética internacional”. Já no texto sobre a Guerra da Ucrânia (p. 589) reverbera uma das grandes constatações da teoria do poder global, de que as guerras, conflitos e crises não foram resultantes da ausência de uma potência hegemônica, mas sim parte do exercício de seu próprio poder. Fiori argumenta que a Guerra da Ucrânia ultrapassa o sentido de uma guerra localizada e assimétrica. Sua ocorrência expressa disputas entre potências, no caso EUA e Rússia, o que a aproxima de uma guerra hegemônica, cujo resultado tem potencial de impactar na distribuição de poder e no conjunto de regras e princípios que vigoram no sistema internacional. As conclusões de Fiori sobre a atual “desordem mundial” apontam para a impossibilidade lógica, dentro do atual sistema internacional, para uma situação de “paz perpétua”, uma vez que a energia que move o sistema é a própria a guerra. Fiori, por fim, destina a parte final do livro às reflexões teóricas e éticas subjacentes à paz.

Uma teoria do poder global é uma obra que sintetiza uma trajetória intelectual, marcada pela perspicácia, erudição e originalidade de um acadêmico inquieto. Fiori é avesso ao paroquialismo, dialoga com as teorias internacionais do *mainstream* sem abandonar o melhor da tradição crítica do pensamento latino-americano. Seu livro demonstra a presença, permanente e certa, das reflexões sobre o poder, fio condutor de uma agenda de pesquisa sempre renovada pelos desafios teóricos inerentes às transformações sociais, políticas e econômicas. Como quem desfaz os “nós górdios” das análises conjunturais, Fiori atravessa as temporalidades da história e hierarquiza as questões-chave para se entender, no tempo e no espaço, a crise estrutural do Estado desenvolvimentista, a dinâmica expansiva do sistema interestatal capitalista e a natureza contraditória do poder global.

Por fim, destaca-se que o rigor analítico e a coerência temática conferem ao novo livro de Fiori um sentido de unidade. Lido em sua totalidade, a obra faz ecoar as palavras de Ítalo Calvino, para quem um clássico é um livro que sempre se diz: “estou relendo”. São aquelas grandes obras que quanto mais lidas e conhecidas, mais se revelam “novas, inesperadas e inéditas”.

Referências

Calvino, Ítalo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Fiori, José Luís. Uma teoria do poder global. Petrópolis: Vozes, 2024.

Marx, Karl. O 18 de brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 2011.

Tavares, Maria da Conceição (1985). “A Retomada da hegemonia norte-americana”. In: Fiori, José Luís (Org.). Poder e dinheiro: uma economia política da globalização. Petrópolis: Vozes, 1997.

Recebido em 4 de janeiro de 2025

Aceito em 4 de fevereiro de 2025